

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

**ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS**

**FLÁVIA CHRISTINA DO PRADO**

**O PROTAGONISMO E A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA OBRA DE  
ROSANA PAULINO**

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em  
Ensino de Artes Visuais na modalidade à distância do  
CEAD/UFJF.

Orientação: Prof. Dr. Francione Oliveira Carvalho

JUIZ DE FORA

2019

# O PROTAGONISMO E A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA OBRA DE ROSANA PAULINO.

Flávia Christina do Prado.

## RESUMO

O presente artigo busca abordar a grande relevância do papel da arte em possibilitar a discussão das relações étnico-raciais e a questão da autorrepresentação do afrodescendente, lugar de fala e representatividade com ênfase na mulher negra. Compreende a arte como campo capaz de articular tais questionamentos ao promover o diálogo e a reflexão sobre o lugar ocupado pela mulher negra na sociedade brasileira. Para articular tais questões o artigo problematizará a produção visual da artista Rosana Paulino (1967) a partir de revisão bibliográfica, entrevistas e leituras de imagens sobre sua obra. O artigo aponta a necessidade da escola e dos docentes de arte reconhecerem a produção visual produzida por mulheres tanto no sentido de legitimação como de ampliação da experiência estética.

**Palavras Chave:** Rosana Paulino; arte afrodescendente; protagonismo; mulher negra; escola.

## INTRODUÇÃO

Com a pesquisa pretendo abordar como a arte é capaz de articular problematizações como forma de promover o diálogo e a reflexão, por meio de suas manifestações, com foco nas obras produzidas por Rosana Paulino. A artista aborda como temática de suas obras questões ligadas ao racismo estrutural presente em nosso país e os estigmas deixados à população negra resultantes do longo período escravagista. Além disso, mostrar como, mesmo hoje, situações de preconceito e discriminação são recorrentes dadas à naturalização de ações e falas, que se fazem presentes no cotidiano de muitas pessoas. A artista ainda trata em sua produção a questão da exclusão social, com ênfase na figura da mulher negra e ao espaço em que a sociedade busca restringi-la, mantendo-a na base da pirâmide social. De acordo com a declaração das Organizações de Mulheres Negras Brasileiras:

A mulher negra está exposta à miséria, à pobreza, à violência, ao analfabetismo, à precariedade de atendimento nos serviços assistenciais, educacionais e de saúde. Trata-se de uma maioria sem acesso aos bens e serviços existentes em nossa sociedade e, em muito, exposta à violência. Entre as consequências extremas desta situação está o seu aniquilamento físico, político e social que chegam a atingir profundamente as novas gerações. A situação de máxima exclusão pode ser percebida quando analisamos a inserção da população feminina negra em diferentes campos: social, político e econômico. (IRACI;

A artista também suscita questionamentos quanto à subalternidade infligida, às desigualdades educacionais e sociais a que toda essa população é sujeitada. Suas obras contribuem para a não perpetuação desse sistema, levantando questionamentos e expondo algumas reflexões sobre tais fatores. Busca, por meio do conhecimento e ações, obter mudança de atitudes e desconstrução do preconceito, discriminação e racismo. Além disso, alcançar o respeito a nossa matriz cultural africana e valorização de nossa identidade em sua diversidade. Dessa maneira, passa a ser uma forma de repensar o currículo e a implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08.

### **A PRESENÇA FEMININA NEGRA NA ARTE AFRO-BRASILEIRA.**

O preconceito, discriminação, desvalorização, machismo e racismo presentes em nossa sociedade criam delimitações às produções artísticas femininas negras, dificultando o acesso para que essas possam alcançar visibilidade e reconhecimento, mesmo havendo paridade na qualidade de seus trabalhos se comparados aos demais artistas. Segundo CARVALHO, ASSUNÇÃO e PEREIRA (2019), na pesquisa realizada a partir dos termos referenciados à arte afro-brasileira entre teses e dissertações, foram colhidos dados que comprovam as problematizações acima citadas.

*A partir dos termos de busca arte afro-brasileira; arte afrodescendente, arte afro-indígena, arte negra e tendo como recorte os anos compreendidos entre 2007 e 2017 foram encontrados 800 trabalhos, entre teses e dissertações. Desse amplo universo, apenas 40 foram selecionados na investigação, pois muitos dos trabalhos discutem aspectos variados das culturas negras no Brasil, tais como dança, literatura, movimento negro, historiografia e religião. Os trabalhos selecionados para análise detalhada foram os que se concentraram em visualidades negras.*

Os 40 trabalhos destacados apontam que 107 artistas foram abordados e associados à temática da arte afro-brasileira. Desse universo, destacam-se apenas 23 mulheres. Entre os 14 artistas mais citados, e, que podem ser visualizados ... há apenas uma mulher, a artista Rosana

Paulino (1967), o que reforça as estatísticas oficiais que mostram a mulher negra como a base da pirâmide social brasileira. (CARVALHO, ASSUNÇÃO e PEREIRA, 2019, p. 10).

É possível observar a predominância existente nos espaços expositivos de obras realizadas por artistas homens, enquanto as artistas mulheres parecem ter um lugar secundário, assim como em materiais didáticos apresentados na escola, onde a presença das produções masculinas e eurocêntricas prevalecem. Quando o estudo é sobre o ensino da cultura africana e afro-brasileira, a presença dos trabalhos femininos negros é escassa se comparada aos demais artistas.

Segundo MUNUNGA e GOMES (2016) em alguns apontamentos realizados em seus textos:

Apesar das transformações nas condições de vida e papel das mulheres em todo o mundo, em especial a partir dos anos de 1960, a mulher negra continua vivendo uma situação marcada pela dupla discriminação: ser mulher em uma sociedade machista e ser negra em uma sociedade racista. (MUNUNGA e GOMES, 2016, p. 133)

E ainda ressalta CARNEIRO (2011, p.127) “...a conjugação do racismo com sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida...”

A problemática e a defasagem relacionadas à população negra quanto à questão do acesso à formação e qualificação profissional são graves e visíveis, já que o acesso aos estudos encontra várias barreiras sociais complexas, devido aos estigmas deixados pelo período escravagista.

Um exemplo é quando uma pessoa negra, que consegue ultrapassar essas “barreiras” e havendo então a mesma formação e plena capacidade para ocupar a função ou cargo que os demais candidatos, acaba por não ser selecionada por motivos diversos, tais como discriminação, preconceito e racismo, sobressaindo-se ainda mais a figura feminina negra, dificultando ou impedindo muitas vezes o acesso a outras/demais profissões.

As dificuldades que as artistas negras encontram para conseguir espaço/visibilidade entre as produções femininas existentes são muitas no mercado artístico. É algo que ilustra bem os problemas encontrados por toda a população afrodescendente, que, ao levantar

questionamentos, reivindicá-los e alcançar seu lugar de fala, entre outras pautas que se fazem tão necessárias, são muitas vezes “vistas” com menos valia.

Segundo a artista Rosana Paulino, em uma entrevista dada a ANUNCIADA (2016) para o site [blogueirasnegras.org](http://blogueirasnegras.org), quando questionada sobre a inserção e valorização da mulher negra no cenário artístico atual:

Não só no cenário artístico, mas na sociedade em geral, há pouca valorização da mulher negra. O cenário artístico é apenas um reflexo de um local maior que é a sociedade. Ainda estamos lutando para termos nossas demandas atendidas e, neste caso, vou além da questão de ser mulher. As demandas da população negra, no geral, não são vistas como justas e reais, e sim como “mimimi”, utilizando uma expressão bem popular, isto mostra o quanto estamos atrasados no Brasil na discussão dos direitos individuais e coletivos. ANUNCIADA (2016).

Em contrapartida, a produção artística dessas tem alcançado espaços nos meios artísticos e na composição do conteúdo de arte em sala de aula, dada a riqueza do material e a sua capacidade de ressignificar o mundo.

Muitas trazem em suas produções suas trajetórias de luta e resistência, abordando temáticas embasadas em questões de grande importância para construção e desenvolvimento das relações humanas pautadas pelo respeito. Aos poucos, suas produções começam então a ocupar seus devidos lugares no ambiente escolar e espaços artísticos. É possível observar avanços nas questões sociais ligadas ao acesso a estes meios e ao mundo acadêmico. Contudo, ainda existe uma longa caminhada a ser percorrida.

Nos livros didáticos que possuem o conteúdo voltado ao ensino da arte e cultura afro-brasileiros, vemos que ao longo dos anos tem passado por várias transformações, que contribuem para sua melhoria no que diz respeito às produções artísticas e manifestações culturais afro-brasileiras, sejam elas de cunho religioso ou não, e diferentemente do passado, em que os livros tendiam a perpetuar a distorção e a “exotização” da figura do indivíduo negro, além de trazerem a representação da pessoa negra pelo olhar do outro, pelo olhar eurocêntrico.

NOGUEIRA (2018) problematiza e aponta, quanto a algumas produções artísticas:

Se o negro, de um lado, é herdeiro desse passado histórico que se presentifica na memória social e que se atualiza no preconceito racial, vive, por outro lado numa sociedade cujas autorrepresentações

denegam esse mesmo racismo, camuflando, assim, um problema social que produz efeitos sobre o negro, afetando sua própria possibilidade de se constituir como indivíduo no social; assim, não se discute o racismo que, na condição de um fantasma, ronda a existência dos negros. (NOGUEIRA, 2018).

Dar espaço às discussões e aos questionamentos, entre outras demandas sociais, são imprescindíveis para que se possam conhecer as manifestações artísticas de origem africana e afro-brasileira em sua totalidade. Cabe também buscar a desconstrução de preconceitos embutidos no sistema social, perante sua diversidade.

A arte então detém um papel importantíssimo, já que, como forma de expressão e comunicação humana, possui um caráter social e político, capaz de levar as pessoas a saírem de sua “zona de conforto”, instigando e promovendo diálogo, reflexão e representatividade. A inserção de artistas deste porte e suas criações, a fim de possibilitar uma troca de saberes mútuos, são urgentes no currículo escolar, visto que a construção sistemática de conhecimentos socializados nas escolas e o contexto social, econômico, político e cultural que esse representa.

## **UM POUCO SOBRE A REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL.**

Através dos tempos a representação da população negra, assim como da população indígena, foi realizada por artistas de diversas nacionalidades, mas com intenções de demonstrar o diferente como forma de apresentação exótica do país tropical, como produtos para os europeus e para toda sociedade escravagista da época. Também as figuras que até pouco tempo eram presentes nos livros de História, quando se fala do mesmo período.

Muitas figuras apresentadas beiram o selvagem, assim como tratam de demarcar socialmente o lugar dessa população por meio da visualidade. Mesmo quando as representações artísticas da arte afro-brasileira foram desvinculadas da negatividade, como inferiorização e marginalização étnica, elas também nunca foram positivas, como ressalva CONDURU (2007, p. 51). E ainda ressalta que, no Brasil, o interesse por questões culturais afrodescendentes, mesmo após o período escravagista, é visto como sendo superficial e “...em boa parte estimulado e filtrado pela valorização europeia das culturas entendidas como primitivas, além de não estarem isentas de preconceitos e nem imunes a mitificação e cerceamentos.”

Dentre estes artistas, nomes como Debret e Rugendas não poderiam deixar de ser citados, dada sua presença nos mesmos, porém não são os únicos. Albert Eckhout, com a obra *Mulher Africana* (*Mulher negra*, 1641), também faz parte de um leque de nomes e obras diversas, que trazem essa “exotização”.

Sempre tendo a mulher negra sendo retratada e ligada aos trabalhos domésticos, entre outros “afazeres do lar”, ou ainda por meio da erotização, como a mulata sensual. Dentre esses, já no período moderno, alguns reconhecidos e conceituados, como por exemplo, o artista Di Cavalcanti que aparece com suas várias pinturas seguindo essa temática.

Segundo CONDURU (2007), “A rigor, até hoje esse tipo de iconografia - cenas exóticas da vida nos trópicos, registros de alteridade cultural segundo os interesses e princípios ocidentais – é produzido e consumido mundo afora.” E ainda sobre a questão da autorrepresentação diz:

Embora haja muito para saber do trabalho de artistas negros que se formaram na Academia Imperial de Belas Artes, a autoimagem não parece ser a questão central, nem mesmo muito relevante em suas obras, que parecem ocupadas em exibir o domínio das ditas belas artes para atender aos anseios de uma clientela ocupada em mimetizar o gosto europeu. (CONDURU, 2007, p.50).

BISPO (2010), em um dos artigos da revista *O Menelick* 2º Ato, faz um breve apontamento sobre tais representações e a ausência da autorrepresentação também da mulher negra.

A mulher negra é verdade, foi, nas primeiras décadas do século XX, objeto de representação para artistas como Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, entre muitos outros, mas não foi ela própria que se autorrepresentou. (BISPO, 2010).

## **A IMPORTÂNCIA DA AUTOREPRESENTAÇÃO.**

Em 2016, houve um ciclo de debates promovido pelo Itaú Cultural, denominado *Diálogos Ausentes*, impulsionado pela instituição depois protestos ocorridos nas redes sociais,

sobre racismo, após a apresentação da peça “A mulher no trem”, em que um dos atores faz a aparição de determinado personagem caracterizado pela estereotipagem racista, do uso do *blackface*, onde a instituição viu ali a necessidade em debater o racismo estrutural presente na sua formação organizacional.

Durante estes ciclos de debates, vários artistas negros ligados às diversas linguagens e manifestações artísticas promoveram um diálogo referente às demandas da população afrodescendente.

Na mesa de debates Rosana Paulino aparece compondo a mesma e iniciando o ciclo, como representante da linguagem de Artes Visuais.

A artista abordou em sua palestra as representações visuais, estabelecendo uma linha do tempo, citando nomes de vários artistas plásticos, anteriormente explanados, traçando toda trajetória dessas produções que trazem o negro como uma figura exótica e abordando também a questão da relevância existente na autorrepresentação.

No que a artista citou como sendo um modernismo tardio, pois suas obras ficam entre o final do modernismo e início da contemporaneidade, ela destaca nomes como Heitor dos Prazeres e Yêda Maria Correa de Oliveira, que tratava em sua temática sobre o feminino e o moderno e que também foi uma das primeiras artistas negras a alcançar reconhecimento sobre sua produção.

Dentre vários nomes, foram colocados Abdias no Nascimento, Emanuel Araújo, Rubem Valentim, o artista Eustáquio Netto com suas produções ligadas à fotografia. Fala ainda de sua própria produção, citando criações como a obra Parede de Memórias e a Série Bastidores que fazem parte do projeto Assentamento.

Por fim, traz os nomes de Renata Felinto, Michele Mattiuzzi, Janaina de Barros e Priscilla Rezende com suas produções de peso e temáticas ligadas à visão do negro na sociedade brasileira, suas lutas e resistência autorrepresentadas de maneira criativa, variada e muitas vezes viscerais. Demonstrar como ter conhecimento e acesso sobre essas produções seria uma das abordagens necessárias para a conscientização dos problemas existentes e como forma de quebrar muitos tabus/preconceitos ligados às manifestações culturais afro-brasileiras.

Solidifica-se, assim, a existência de uma grande produção de obras feitas por estas, de forma que, aos poucos, espaços e meios vêm sendo conquistados, principalmente no que diz respeito ao virtual. E a ambientes, que antes eram delegados apenas à produção artística europeia, mostrando a importância e relevância de suas obras, que partem de suas vivências e



experiências pessoais e artísticas, cada qual buscando poéticas que as representem em sua singularidade e a cultura afro-brasileira no seu plural.

## **AS OBRAS DE ROSANA PAULINO. REPRESENTATIVIDADE. ESPAÇOS CONQUISTADOS.**

A artista Rosana Paulino é natural da cidade de São Paulo Capital, surge no cenário artístico nos anos 90, caracterizando-se, desde o início de sua criação, como uma das vozes a abordar de forma afiada temas sociais, étnicos e de gênero. Questões perturbadoras e conturbadas no contexto da sociedade brasileira, sua trajetória, é um dos exemplos da capacidade de criação e relevância temática das artistas negras existentes. Suas obras fazem com que o público saia do comodismo e confronto, obras que fazem questionar, pensar e repensar, desconstruir e compreender as questões sociais excludentes impostas à população negra, com ênfase na figura da mulher negra, como resultados do sistema escravista e suas marcas que perduram até os dias atuais.

A artista desenvolve seus trabalhos com uma grande diversidade de materiais e técnicas, às quais integram com intencionalidade e plasticidade suas produções.

Permite refletir sobre sua condição, o lugar ocupado pela mulher negra na sociedade, a maneira como é vista, sua luta e resistência, seu lugar de fala, perante uma sociedade machista e preconceituosa que a tem como um outro e sobre os padrões de beleza feminino. Além disso, traz consigo a importância da representatividade em ter suas histórias e lutas contadas com autoria, desenvolvendo o protagonismo.

Rosana Paulino é a artista negra mais reconhecida, no meio artístico, segundo BISPO (2010):

Das muitas artistas mulheres na história das artes visuais, poucas ou, até bem pouco tempo nenhuma delas, eram negras. Nesse contexto, a produção de Paulino não só vai dar um salto na medida que, como negra ela se diz a si própria, isto é, não é objeto de inspiração (uma boa comparação é o quadro A Negra, de Tarsila do Amaral), mas vai reinterpretar a história dos lugares sociais da mulher negra no Brasil. (BISPO, 2010).

A artista possui um vasto currículo de peças produzidas e exposições já realizadas, no Brasil e no exterior, além de possuir obras no acervo de vários museus como MAM – Museu

de Arte Moderna de São Paulo, UNM – University of New México Art. Museu, Museu Afro-Brasil – São Paulo e MAC – Museu de Arte Contemporânea- São Paulo.

Recentemente, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, a artista teve uma exposição toda voltada as suas criações, denominada “Rosana Paulino: A Costura da Memória” (08/12/2018 a 04/03/2019) que encerrou o ano de exposições dedicadas a artistas mulheres. Foi uma retrospectiva sobre as produções da artista, em que foram reunidas suas séries Bastidores, Parede da memória, Tecelãs, A geometria brasileira chega ao paraíso tropical, Paraíso tropical e a instalação Assentamento.

Em sua série Bastidores, imagens de mulheres negras impressas sobre tecido, no qual através do bordado feito com linhas de algodão na cor preta, cobrem locais específicos dos rostos das mesmas, como olhos, garganta e bocas, remete-nos à violência doméstica experienciada por muitas e ao silenciamento imposto. Em entrevista dada a ANTONACCI (2017), a artista diz sobre as possibilidades de leitura da obra:

“[...] temos a questão do racismo, dentro dessa questão vem embutida outra que é a da violência doméstica, não que só as mulheres negras sejam vítimas de violência doméstica, infelizmente são de todas as classes. Mas aí entra outra questão. Quando você pensa numa imagem do protegido, uma imagem quase bucólica, a mulher sentada bordando pacificamente. Então, eu inverteo essa relação quando eu venho com aquela linha preta e costuro bocas, gargantas, que é o nó na garganta; os olhos, é a impossibilidade de se ver no mundo; costuro a boca, a impossibilidade de defesa, de lutar por seus direitos. A mulher negra é a base da base da pirâmide. Ganha menos, tem mais dificuldade de encontrar emprego com a mesma formação que as brancas e ganha menos. Esse é um trabalho que se lê em camadas, tem várias possibilidades de leitura. São aquelas que não são vistas, estão nos bastidores da sociedade.” (ANTONACCI, 2017).

Figura 1. Rosana Paulino. Série Bastidores. 1997



[www.esquerdadiario.com.br](http://www.esquerdadiario.com.br). Acessado em 08/05/2019

Figura 2. Rosana Paulino. Série Bastidores. 1997



[www.esquerdadiario.com.br](http://www.esquerdadiario.com.br). Acessado em 08/05/2019.

Já na Parede de memórias, a mesma trabalha com a questão da memória por sua ancestralidade, identificada pelos patuás, com 11 fotografias, retratos de família, que formam uma parede com 1500 peças, sobre essa obra a artista disse “...tem uma questão da multidão, essa coisa de ignorar. Você ignora uma dessas pessoas na multidão, mas não ignora mil e trezentos olhos em cima de você. Tem a questão da origem, de onde eu vim.”

Figura 3. Rosana Paulino. Parede de memória. 1994/2015



[www.rosanapaulino.com.br](http://www.rosanapaulino.com.br). Acessado em 08/05/2019

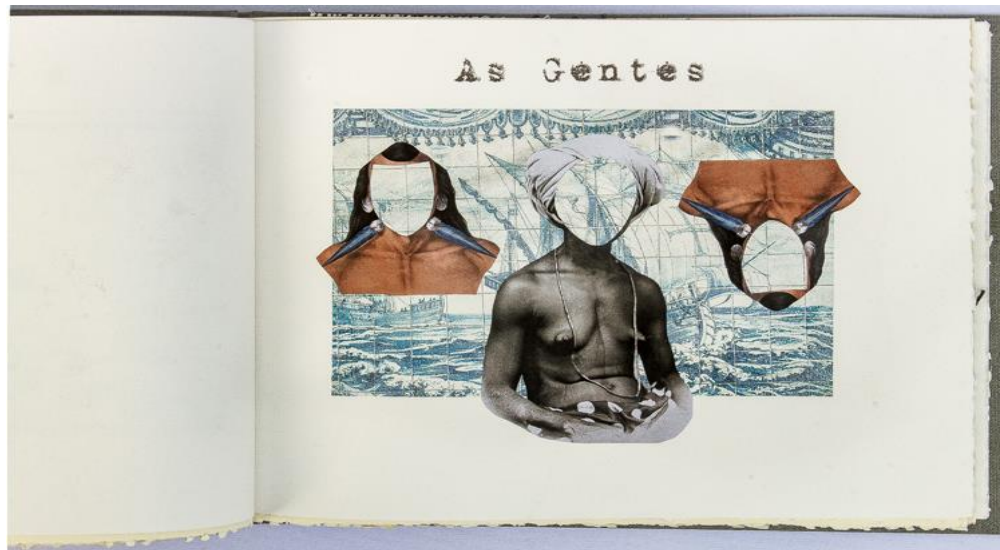
Na obra/livro *¿Histórias Naturais?* um livro com doze pranchas, a ideia em trazer toda a história inventada para justificar, por assim dizer, a escravidão, onde a religião, cultura, a ciência dentre outros fatores, foram utilizados, de maneira distorcida para que pudesse ocorrer a exploração, subjugação e a violência durante a colonização.

Figura 4. Rosana Paulino. *Histórias Naturais?* 2016



[www.rosanapaulino.com.br](http://www.rosanapaulino.com.br). Acessado em 08/05/2019

Figura 5. Rosana /. Histórias Naturais? 2016



[www.rosanapaulino.com.br](http://www.rosanapaulino.com.br). Acessado em 08/05/2019

Figura 6. Rosana Paulino. Histórias Naturais? 2016



[www.rosanapaulino.com.br](http://www.rosanapaulino.com.br). Acessado em 08/05/2019

Sua produção como artista e pesquisadora abrange toda a história e questionamentos levantados com a conquista do espaço de fala e rompimento do silenciamento, traçando um panorama desde o Brasil colônia ao Brasil atual.

Na série Assentamento, a artista parte da imagem de uma mulher negra africana escravizada retirada pelo fotógrafo franco suíço Augusto Sthal, que então residia no Rio de Janeiro a pedido do zoólogo suíço Louis Agassiz, que tentava fundamentar sua teoria racista sobre a superioridade branca, para ilustrar seu livro *A Journey to Brazil* (1867), é utilizada como forma de propor um enfoque em questões sobre dignidade, diversidade e reconhecimento do capital cultural, artístico e religioso trazido pela população de origem africana.

Algumas de suas obras da série Bastidores integram o conteúdo de Arte Afro-brasileira do Currículo do Estado de São Paulo, de maneira ainda tímida, mas já demonstram pequenos avanços e espaços que aos poucos vem sendo abertos, conquistados e ocupados pela população negra em especial pela mulher negra, por meio de políticas de ações afirmativas que aos poucos vêm criando pontes para o acesso e reconhecimento desta população em sua identidade social, cultural e histórica.

### **DESCOLONIZAÇÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR.**

Algumas das obras da artista, dentre sua vasta produção, estão presentes em alguns materiais destinados às escolas para o ensino de arte, como já citado. Toda sua produção proporciona uma discussão e, a partir da apreciação e da leitura, é possível compreender a importância do alcance destes espaços como forma de representatividade com exemplos positivos ligados à população negra e como forma de buscar e compreender como se dá o sistema estrutural hegemônico e racista, de forma que possa romper com o mesmo.

Assim, a artista traz a abertura e conquista de espaço também para que outras possam ter visibilidade e reconhecimento da contribuição de suas produções para a discussão e reflexão sobre a problemática apontada.

Nomes que podem ser citados, muito embora suas produções ainda não estejam presentes em tais materiais, como Renata Felinto, com sua intervenção “Também quero ser sexy” em que é abordada a questão dos estereótipos de beleza impostos às mulheres, assim como sua produção literária, que questiona algumas problemáticas voltadas às demandas da população afro-brasileira.

Também temos Priscila Rezende que traz em suas performances as questões do olhar sobre do corpo feminino negro e apontam problemas como erotização e padrões de beleza, tratando das situações de discriminação e racismo, como em sua obra Bombril.

A necessidade dessa produção parece como uma maneira de buscar respostas, soluções a esses e tantos outros problemas raciais presentes em nosso país. Além disso, de tentar compreender e fortalecer nossas raízes culturais, reconhecendo toda a contribuição trazida pelos povos de origem africana e sequente por muitos de seus descendentes na construção identitária brasileira.

Repensando assim, as ações ligadas às leis 10.619/03 e 11.645/08, o currículo escolar e os materiais didáticos utilizados em sua aplicação, precisam dar uma maior ênfase em seus conteúdos, de forma a obter a sua descolonização. Já que temos na educação a base para as



transformações e construção de uma sociedade que vise a equidade dos direitos, garantindo-os a todos, e respeito às relações étnico raciais, dada a multiplicidade cultural presente em nosso país. Como aponta Glória Moura em seu texto “O direito à diferença” que integra o livro *Superando o racismo na escola*:

Como a democracia é, ao mesmo tempo, fundamento e finalidade do exercício da cidadania, a educação deve proporcionar a formação de cidadãos que respeitem a diferença e que, sem perder de vista o caráter universal do saber e a dimensão nacional de sua identidade, tenham garantido o direito à memória e ao conhecimento de sua história. Esta educação, profundamente vinculada às matrizes culturais diversificadas que fazem parte da formação da nossa identidade nacional, deve permitir aos alunos respeitar os valores positivos que emergem do confronto dessas diferenças, possibilitando-lhes ao mesmo tempo desativar a carga negativa e evitada de preconceitos que marca a visão discriminatória de grupos sociais, com base em sua origem étnica, suas crenças religiosas ou suas práticas culturais. Só assim a escola poderá, levando em consideração as diferenças étnicas de seus alunos, reconhecer de forma integral os valores culturais que carregam consigo para integrá-los à sua educação formal. Isto é essencial no caso de grupos que, por força da inércia da herança histórica ou pela pura força do preconceito, são quase sempre considerados “inferiores”, ou “naturalmente” subalternos. No caso das populações afro-brasileiras, esta é uma tarefa urgente. (SILVA e MUNUNGA, 2005, p. 76).

Ou ainda, de acordo com Helena Theodoro, autora integrante do mesmo livro acima citado, as contribuições da matriz cultural africana em seu texto, buscando caminhos nas tradições:

A população afrodescendente no Brasil tem características culturais muito marcantes, que precisam ser mais estudadas e entendidas já que a contribuição dos inúmeros países africanos é muito significativa para todos os setores da vida brasileira, quer se relacione à linguagem, à vida familiar, ao sistema simbólico, à comunidade religiosa, à produção do saber (Ciência) ou à transmissão do saber (Educação). (SILVA e MUNUNGA, 2005, p.83)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do protagonismo e representatividade, a arte afrodescendente tem galgado espaços e alcançado a valorização de nossa matriz cultural africana, algo que se torna imprescindível se estamos em busca de uma sociedade que vise a desconstrução do preconceito e racismo estrutural presentes.

A produção artística feminina negra é algo que tem crescido e contribuído significativamente com essas conquistas, e cada vez mais artistas com produções de grande relevância têm ocupado espaços destinados à arte e contribuídos para com a recolocação cultural e social da mulher negra perante a sociedade, embora exista ainda um grande espaço a ser conquistado e barreiras a se transpor.

Com as obras da artista Rosana Paulino, temos algumas demandas referentes a situações impostas existentes à população negra, sendo colocadas em pauta, alcançando assim um lugar de fala perante o sistema hegemônico e racista. A arte então aparece como área que possibilita e promove a mediação do diálogo entre as relações étnico-raciais, propiciando a compreensão por meio de seus códigos e linguagens, dando espaço e voz às produções que possibilitam as demandas da população negra serem abordadas, de forma criativa e diversa, dentro de todos os âmbitos e aspectos culturais afro-brasileiros.

O currículo escolar precisa cada vez mais abranger os questionamentos levantados, como forma de propiciar a legitimação de nossas raízes culturais de origem africana, a fim de promover a valorização e o respeito a nossa identidade cultural em toda a sua diversidade.

## REFERÊNCIAS

ANTONACCI, Célia Maria. **Rosana Paulino: Enunciações Poéticas de Arte Africana Contemporânea**. 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/142/130>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

ANUNCIADA, Patrícia. **Blogueiras negras: Mulher negra e arte - A obra de Rosana Paulino**. 2016. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2016/07/27/mulher-negra-e-arte-a-obra-de-rosana-paulino/>>. Acesso em: 20 mar. 2019.



ATELIÊ da Artista Rosana Paulino. Realização de Revista Bravo! São Paulo: Bravo! Ateliê do Artista, 2018. (5 min.), son., P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ITdnSyqWv1A>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

BISPO, Alexandre Araújo. **Mulher, negra e artista: a estética crítica de Rosana Paulino**. 2010. Disponível em: <<http://www.omenelick2ato.com/artes-plasticas/mulher-negra-e-artista>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011. 190 p.

CARVALHO, Francione Oliveira; ASSUNÇÃO, Matheus; PEREIRA, Karina. **A presença afrodescendente na arte brasileira e na formação de docentes de artes visuais**. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reveducacao>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

CONDURU, Roberto. **Arte Afro-brasileira**. Belo Horizonte: C/ Arte, 2007. 128 p.

IRACI, Nilza; CARDOSO, Claudia Pons; SOARES, Ana Maria Silva; BRITO, Benilda Regina Paiva (Rio de Janeiro). **Organizações de Mulheres Negras Brasileiras: “Pró III Conferência Mundial da ONU contra o Racismo, Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância”**. 2000. Disponível em: <[http://www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id\\_articulo=314](http://www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=314)>. Acesso em: 29 abr. 2019.

MUNUNGA, Kabenguele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de Hoje**. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 2016. 224 p.

NOGUEIRA, Izildinha B. **O corpo da mulher negra**. 2018. Disponível em: <[http://www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id\\_articulo=313](http://www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=313)>. Acesso em: 28 mar. 2019.

PAULINO, Rosana. **Imagens e sombras**. 2011. 98 f. Tese (Doutorado) - Curso de Artes Visuais, Escola de Comunicações e Artes, Universidade São Paulo, São Paulo, 2011. Cap. 8.

PAULINO, Rosana. **Rosana Paulino, artista visual, pesquisadora e educadora e: Galeria; Perfil e Biografia**. 2018. Disponível em: <<http://www.rosanapaulino.com.br>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

PIMENTEL, Jonas. **Geledés Instituto da mulher negra: Rosana Paulino: a mulher negra na arte**. 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/rosana-paulino-mulher-negra-na-arte/>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

PRIMEIRO Ciclo de debates. Diálogos Ausentes – o Negro nas Artes Visuais com Rosana Paulino. Produção de Camila Fink. Realização de Itaú Cultural. Coordenação de Claudiney Ferreira; Kety Fernandes Nassar. Roteiro: Gabriel Carneiro. São Paulo, 2016. (72 min.), son., color. Disponível em: <[https://itaucultural.formstack.com/forms/dialogos\\_ausentes](https://itaucultural.formstack.com/forms/dialogos_ausentes); <https://www.youtube.com/watch?v=GSAqLsHvVf4>>. Acesso em: 16 maio 2016.

REINA, Andrei. **Sutura da arte no tecido social: Retrospectiva na Pinacoteca de São Paulo faz balanço da produção de Rosana Paulino, artista que coloca a mulher negra como protagonista da crítica da formação social do país**. 2018. Disponível em:

<<https://medium.com/revista-bravo/rosana-paulino-e-a-sutura-da-arte-no-tecido-social-brasileiro-9bdb7f744b4e>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SILVA, Maria José Lopes; MUNUNGA, Kabenguele. **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: MEC/BID/UNESCO, 2005. 204 p.